

Reflexões acerca da atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais

Juliana Graciela Trevisan^a, Patrícia Carla de Souza Della Barba^b

^aTerapeuta Ocupacional, Pós-Graduanda em Terapia Ocupacional do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Campus Lins, SP, Brasil

^bTerapeuta Ocupacional, Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apontar as possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional no processo de inclusão social/escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. Primeiramente, faz-se referência à mudança do antigo modelo de integração social para o atual modelo de inclusão, pautado nos recentes conceitos que o definem e em suas implicações para o sistema escolar e social. Em seguida, fundamenta-se a abordagem terapêutica ocupacional na interface entre saúde e educação, e suas possibilidades de atuação no campo da consultoria colaborativa baseada na escola. A partir da leitura de artigos referentes ao tema, conclui-se que esse profissional tem contribuído, principalmente, como facilitador da relação entre escola, aluno e família, a fim de buscar soluções coletivas, ambientais e de apoio que viabilizam o processo de inclusão.

Palavras-chave: *Terapia Ocupacional, Inclusão Escolar, Necessidades Educacionais Especiais, Consultoria Colaborativa.*

Reflections on the role of occupational therapists in the school inclusion of children with special educational needs

Abstract: The purpose of the present article is to point out the performance possibilities of occupational therapy in the process of social/school inclusion of children with special educational needs. First, reference is made at the change from the old model of social integration to the current inclusion model, guided by the recent concepts that define it and by its implications in the social and school systems. Then, the approach to occupational therapy is grounded on the interface between health and education and their possibilities of action in the field of collaborative consulting based on school. From the reading of reference articles on the subject, it is possible to conclude that the occupational therapy professional has contributed mainly as a facilitator in the relation between school, student and family in order to seek collective, environmental and supporting solutions that enable the inclusion process.

Keywords: *Occupational Therapy, School Inclusion, Special Educational Needs, Collaborative Consultation.*

1 Mudança de paradigma: integração social e inclusão

Atualmente, a inclusão escolar é um dos temas mais discutidos no campo da educação em todo o mundo. Pode-se constatar a sua incidência nas

propostas das políticas nacionais e internacionais, nos discursos e ações de muitos governantes, e de grande parte das escolas e nas produções literárias,

sejam estas científicas ou não. A mudança do modelo de integração/reabilitação que, por muito tempo, predominou na educação, para um modelo inclusivista/social trouxe consigo a ideia de que o déficit individual deixa de ser visto como de responsabilidade única do indivíduo que o apresenta e passa também a ser de responsabilidade do meio onde ele vive. Isso envolve aceitar as crianças com necessidades educacionais especiais como elas são, com suas diferenças individuais (BUENO, 2008; MITLER, 2003; MENDES, 2002; MARTINS, 2006).

Assim, a Declaração de Salamanca, em 1994, proclamava como princípio fundamental que:

[...] as escolas devem acolher todas as crianças, independente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem incluir crianças com deficiências e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidos ou marginalizados. Todas essas condições levantam uma série de desafios para os sistemas escolares. [...] As escolas têm que encontrar a maneira de educar com êxito todas as crianças, inclusive as com deficiências graves (UNESCO, 1994, p. 17-18).

Com o advento da inclusão, a partir da última década do século XX, a instituição escolar é desafiada a se modificar, pois a inclusão escolar envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, desde a superação das barreiras arquitetônicas até, e principalmente, a superação das barreiras atitudinais. Para tanto, faz-se necessário muito mais que a mera proximidade física, mas um processo de interações efetivas do indivíduo com as demais pessoas em uma sociedade preparada para recebê-lo, independentemente da complexidade de suas dificuldades (MARTINS, 2006; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

Segundo Martins (2006), estudos sobre atitudes de professores frente à inserção de crianças com deficiência nas escolas públicas e privadas evidenciam a necessidade de formação continuada nessa área, pois muitos não se consideram preparados ou aptos para os desafios. Por isso, muitas vezes, a equipe pedagógica solicita o apoio ou o suporte técnico de profissionais da área da saúde ou da educação quando se veem com alunos com graves comprometimentos motores, cognitivos ou afetivos.

É nesse contexto que o Terapeuta Ocupacional coloca-se como um profissional essencial nos processos de inclusão em razão da possibilidade de fornecer subsídios para a adaptação de todos os envolvidos: professores, pais, sociedade e para os próprios alunos (ROCHA; CASTIGLIONI; VIEIRA, 2001; TOYODA et al., 2007).

2 Terapia Ocupacional no contexto escolar – a interface saúde-educação

A Terapia Ocupacional é uma profissão da área da saúde e da educação, cujo objetivo principal é promover a independência e a autonomia das pessoas em suas diversas atividades do dia a dia e nos seus diferentes ambientes de participação, como: escola, trabalho, lazer e lar. Por meio das intervenções, o Terapeuta Ocupacional busca a prevenção e a promoção da saúde, prevenindo incapacidades, melhorando, mantendo ou restabelecendo um maior nível de funcionalidade em pessoas acometidas por doenças agudas e/ou crônicas, com disfunções físicas, pessoas com necessidades especiais, desajustes psicossociais, doença mental, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, dificuldades de aprendizagem, entre outros problemas que interfiram em sua qualidade de vida e limitem a plena participação social (WORLD...; ASSOCIAÇÃO...; CENTRO..., 2003).

Bartalotti e De Carlo (2001) colocam que, nos diversos sistemas socioeducacionais (escolas regulares e especiais, creches, cursos profissionalizantes, entre outros), encontra-se um tipo bastante específico de experiência: o da construção do conhecimento sistematizado, fundamentado em metodologias psicopedagógicas. Nesses contextos, Terapeutas Ocupacionais têm sido chamados a atuar ao lado daqueles que apresentam dificuldades de várias ordens, especialmente das pessoas com deficiências. Para as autoras, a atuação da Terapia Ocupacional, tradicionalmente voltada para os processos de reabilitação, por muito tempo desenvolveu sua prática na minimização de sequelas e dificuldades, e na promoção do desempenho funcional. Essa é uma prática importante para a clientela que dela se beneficia, mas que precisa ser repensada diante dos processos de inclusão da população com deficiência, a fim de não legitimar a exclusão mediante a confirmação da necessidade de “lugares especiais para pessoas especiais”.

A capacidade de reconhecer a diversidade em diferentes áreas e, principalmente, a possibilidade de favorecer a funcionalidade das potencialidades de cada indivíduo faz do terapeuta ocupacional um profissional qualificado para trabalhar como facilitador da inclusão (PELOSI, 2006, p. 125).

Hoje, a Terapia Ocupacional deve se incorporar às discussões sobre educação inclusiva e refletir sobre sua atuação na escola regular. A educação regular tem especificidades, como currículo, plano de aula, horário de professores, reunião de pais e mestres, que o Terapeuta Ocupacional precisa conhecer para que a educação inclusiva se efetive. Por se dedicar ao estudo do desenvolvimento humano e ao processo de aprendizagem e autonomia, a função do Terapeuta Ocupacional é determinante na sensibilização e na capacitação de todos os envolvidos no processo de inclusão: família, escola e comunidade, visto que esse profissional possui fundamentação teórica e práticas suficientes para contribuir para a desmistificação da abordagem aos indivíduos com necessidades educacionais especiais. A parceria com a educação tem permitido que o Terapeuta Ocupacional intervenha com ações voltadas para as questões do cotidiano escolar, que, aliás, são as maiores solicitações dos professores (MUNGUBA, 2007; OLIVEIRA; CASTANHARO, 2008).

O Terapeuta Ocupacional é visto como aquele que possui recursos, conhecimentos e habilidades para capacitar e potencializar o cliente em busca de soluções para seus problemas (HAGEDORN, 2001). Rocha, Luiz e Zulian (2003) corroboram essa ideia ao apontarem que o alvo da Terapia Ocupacional na escola é o fortalecimento da potência de ação dos professores e alunos, por meio da criação de soluções para os impasses surgidos a partir do próprio grupo e de sua realidade. Esses autores afirmam ainda que:

Não é clínica, nem voltada a aspectos específicos dos alunos, tampouco de convencimento de atitudes corretas e, muito menos direcionada a rever questões pedagógicas. Trata-se sim, de um trabalho a ser desenvolvido com os educadores, os alunos, os pais, a comunidade, cuja finalidade é a facilitação do aparecimento das dificuldades, dos sentimentos, das emoções que permeiam o relacionamento com a proposta de inclusão. (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003, p. 75).

Várias são as possibilidades de atuação do Terapeuta Ocupacional no contexto socioeducacional, que abrange desde o atendimento individual do aluno em um contexto clínico – que deve ser realizado com muita cautela a fim de não fortalecer o processo de

exclusão e da prática centrada na deficiência – até o acompanhamento desse aluno no meio familiar e na escola. O Terapeuta Ocupacional pode, por exemplo, instrumentalizar o aluno e a escola com a utilização de diversos recursos e tecnologia assistiva, participar das atividades escolares, orientar e assessorar a equipe educacional e, não menos importante, dar assessoria às famílias dos alunos com necessidades educacionais especiais (BARTALOTTI; DE CARLO, 2001).

O trabalho em parceria entre professores, Terapeutas Ocupacionais e outros serviços de apoio aos estudantes com necessidades educacionais especiais tem sido considerado fundamental no sistema educacional e vários estudos apontam para o trabalho colaborativo entre o Terapeuta Ocupacional e o professor.

3 Abordagem colaborativa da terapia ocupacional em ambientes socioeducacionais: relatos de estudos

A consultoria colaborativa pode ser definida como um processo no qual um consultor treinado trabalha em uma relação igualitária, não hierárquica, com outros profissionais, pais e/ou responsáveis, auxiliando no processo de tomada de decisões e na implementação de ações dentro do interesse educacional dos alunos. A meta é encontrar caminhos para garantir o sucesso de qualquer aluno na educação regular e sua efetividade depende da comunicação honesta e autêntica do consultor (KAMPWIRTH, 2003).

Para Sumsion (2003), a filosofia da consultoria colaborativa vai ao encontro da forma de atuação da Terapia Ocupacional, que é a colaboração ou a participação entre paciente e terapeuta, trabalhando juntos para atingir os objetivos do primeiro. Ou seja, o Terapeuta Ocupacional é um facilitador que, junto com o cliente, determina como os objetivos podem ser alcançados de acordo com suas necessidades e desejos. As ações podem ser adotadas pelo(s) cliente(s), pelo terapeuta ou por ambos.

Segundo Mendes (2008), as práticas de inclusão escolar em alguns países têm mostrado que o trabalho colaborativo se constitui como uma estratégia em ascensão no sistema escolar e se mostra efetivo tanto para solucionar problemas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais quanto para promover o desenvolvimento pessoal e profissional dos educadores.

Vários autores têm refletido sobre a atuação do Terapeuta Ocupacional nos processos socioeducacionais das pessoas com deficiências e relatam a atuação desse profissional em projetos de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola regular.

Em um projeto de inclusão de crianças deficientes na escola regular e frequentadoras de um laboratório de estudos de reabilitação e tecnologia assistiva em São Paulo, o Terapeuta Ocupacional, embasado na proposta da consultoria colaborativa, atuou como um profissional de apoio para a equipe e para a família, por meio de ações voltadas para a busca de soluções coletivas, ambientais e de apoio, desfazendo atitudes preconceituosas ou generalizantes em relação ao aluno com deficiência. Objetivou-se instrumentalizar o professor e a escola para a construção de propostas escolares específicas para cada criança. Ao final do trabalho, constatou-se que a assessoria promoveu um bom vínculo com a escola e com os professores, garantindo o sucesso das estratégias utilizadas (ROCHA; CASTIGLIONI; VIEIRA, 2001).

O trabalho de Dutra et al. (2002) mostra que cabe ao Terapeuta Ocupacional realizar a adaptação postural da criança em sala de aula, com a adequação de cadeiras de rodas e carteiras escolares, a utilização de cadeiras de posicionamento mais altas e com rodízios nos pés, facilitando o transporte e o contato olho a olho entre professor e aluno, e promover adequações posturais em atividades complementares e de lazer. Outro aspecto a ser considerado refere-se ao local onde o aluno deve sentar-se durante as aulas. Por exemplo: o melhor amigo de uma criança com paralisia cerebral hemiparética à direita, deve ficar sentado, sempre que possível, à direita dela. O material da criança também deve ser colocado desse lado, para que haja transferência de peso para o lado comprometido.

Jurdi, Brunello e Honda (2004) apontam resultados positivos da parceria entre a Terapia Ocupacional e uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino. Os Terapeutas Ocupacionais auxiliaram na solução de problemas encontrados no cotidiano que comprometiam a qualidade de aprendizado e a convivência, por meio de atividades lúdicas em grupo, com crianças de cinco e seis anos.

De acordo com Pelosi (2006), no processo de inclusão de crianças com dificuldades motoras, o Terapeuta Ocupacional pode ajudar na superação de barreiras arquitetônicas e atitudinais, atuando em parceria com a escola e a comunidade, ao sugerir e coordenar adaptações ambientais, como rampas, barras nos corredores, sinalização de ambientes,

iluminação e posicionamento da criança dentro da sala de aula, considerando sua possibilidade visual.

Durante um trabalho de estudantes das áreas de Terapia Ocupacional, Pedagogia, Educação Física, Fisioterapia e Psicologia, baseado na proposta da parceria colaborativa, foram desenvolvidas atividades de acompanhamentos semanais de casos de alunos, prestação de suportes para os professores, observações em sala de aula, conversa com diretores, outros profissionais da escola e com os familiares. Em supervisões semanais na universidade, o grupo de graduandos era incentivado a levar soluções para os problemas encontrados no contexto escolar. Em seguida, as sugestões eram discutidas, implementadas e avaliadas em conjunto com os professores. Os resultados obtidos após um ano de intervenção mostraram grandes ganhos das crianças, no que se referem à independência, ao desenvolvimento neuropsicomotor, ao desenvolvimento de habilidades sociais e ao desenvolvimento perceptocognitivo (TOYODA et al., 2007).

A fim de favorecer o processo de ensino-aprendizagem, o Terapeuta Ocupacional poderá confeccionar ou indicar utilização de recursos, como plano inclinado, lápis e canetas com diâmetro maior e formação emborrachada, órteses, pautas ampliadas, textos emborrachados ou computador. O profissional poderá também ensinar educadores e familiares a confeccionarem os recursos de acordo com as necessidades encontradas. Com crianças com problemas na comunicação oral, poderá sugerir recursos da tecnologia assistiva, como pranchas e aventais de comunicação. Para favorecer nas atividades de vida diária e atividades de vida prática, poderá realizar adaptações simples, como argolas para auxiliar a abertura de mochilas, copos e talheres adaptados para o horário das refeições e confecção de adaptações para higiene bucal. Com relação aos professores, é papel da Terapia Ocupacional sugerir atividades adequadas de acordo com cada faixa etária, introdução de jogos alternativos e adaptados, brincadeiras e teatro de fantoches com funções específicas para estimular o desenvolvimento global das crianças e superar dificuldades de desenvolvimento e voltadas para a alfabetização (PELOSI, 2006; TOYODA et al., 2007).

No relato de um projeto de extensão universitária, Della Barba (2009) aponta as possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional que, ao utilizar-se do referencial da consultoria colaborativa, pode desenvolver atividades de suporte junto a professores e equipe escolar de escolas regulares municipais. O trabalho mostra que a equipe escolar, quando recebe suporte técnico para lidar com as particularidades

de cada deficiência no seu contexto, melhora as sensações de frustração e impotência diante das dificuldades apresentadas; quando a informação é compartilhada, o professor não se sente sozinho para implementar a inclusão do aluno; cabem, nesse processo, orientações junto a familiares, discussão e implementação de ações junto à equipe escolar, como adaptações de materiais e mobiliário, recursos de tecnologia assistiva, aplicação de estratégias para a flexibilização do currículo e discussão de objetivos em comum. A autora conclui que a abordagem da consultoria colaborativa permite um novo olhar para a atuação da Terapia Ocupacional na área da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, na medida em que trabalha em parceria com todos os envolvidos.

Como se pode constatar, a ação da Terapia Ocupacional tem sido voltada para a construção da inclusão junto aos alunos, familiares e educadores, e não somente para o desenvolvimento de habilidades para a adaptação ao meio educacional ou para a minimização de incapacidades (ROCHA; CASTIGLIONI; VIEIRA, 2001). Há um leque de possibilidades de atuação, mas, para que as ações sejam efetivas, o Terapeuta Ocupacional precisa desempenhar um trabalho em conjunto com todos os outros profissionais que atuam no contexto escolar no intuito de que haja uma soma de saberes e não uma imposição de conhecimentos.

4 Considerações finais

Ao se refletir sobre a atuação do Terapeuta Ocupacional nos processos socioeducacionais das pessoas com necessidades educacionais especiais, percebe-se a necessidade de se rediscutirem e se repensarem as formas de intervenção, no sentido de trazer novos olhares para a pessoa com deficiência, desenvolver ações efetivas para o empoderamento dos sujeitos envolvidos e facilitar a construção de soluções no contexto escolar.

É dentro do propósito inclusivista que as práticas da Terapia Ocupacional se consolidam, envolvendo as pessoas com necessidades educacionais especiais e o meio sociocultural no qual elas estão inseridas. Cada vez mais a Terapia Ocupacional tem revelado sua atuação em diferentes contextos de desempenho, principalmente no contexto escolar, justificando sua importância por meio das práticas mencionadas. É nesse contexto que o Terapeuta Ocupacional pode atuar como facilitador da relação escola-aluno-família, propiciando o desenvolvimento e a inclusão de todas as crianças.

Referências

- BARTALOTTI, C. C.; DE CARLO, M. M. P. Terapia Ocupacional e os processos socioeducacionais. In: BARTALOTTI, C. C.; DE CARLO, M. M. P. (Org.). *Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 99-116.
- BUENO, J. G. S. A produção acadêmica sobre inclusão escolar e educação inclusiva. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; HAYASHI, M. C. (Org.). *Temas em educação especial: conhecimentos para fundamentar a prática*. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES-PROESP, 2008. p. 31-47.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Pais e professores contribuindo para o processo de inclusão: que habilidades sociais educativas devem apresentar? In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; HAYASHI, M. C. (Org.). *Temas em educação especial: conhecimentos para fundamentar a prática*. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES-PROESP, 2008. p. 239-254
- DELLA BARBA, P.C.S. Consultoria colaborativa na inclusão escolar de crianças com transtornos do desenvolvimento: proposta de atuação da Terapia Ocupacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 11., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais, 2009.
- DUTRA, F. M. et al. Atuação da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional na escola. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. (Org.). *Escola Inclusiva*. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 179-186.
- HAGEDORN, R. *Fundamentos para a prática em terapia ocupacional*. São Paulo: Roca, 2001.
- JURDI, A. P. S.; BRUNELO, M. I. B.; HONDA, M. Terapia Ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 15, n. 1, p. 26-32, 2004.
- KAMPWIRTH, T. J. *Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems*. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003.
- MARTINS, L. A. R. Formação de professores numa perspectiva inclusiva: algumas constatações. In: MANZINI, E. J. (Org.) *Inclusão e Acessibilidade*. Marília: ABPEE, 2006. p. 17-27.
- MENDES, E. G. Caminhos da pesquisa sobre formação de professores para a inclusão escolar. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; HAYASHI, M. C. (Org.). *Temas em educação especial: conhecimentos para fundamentar a prática*. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: CAPES-PROESP, 2008. p. 92-122.
- MENDES, E. G. Perspectivas para a construção da Escola Inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. (Org.). *Escola Inclusiva*. São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 61-85.
- MITLER, P. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MUNGUBA, M. C. Inclusão Escolar. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Org.). *Terapia Ocupacional:*

- fundamentação & prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 519-525.
- OLIVEIRA, C.; CASTANHARO, R. C. T. O Terapeuta Ocupacional como facilitador do processo de educação de crianças com dificuldades de aprendizagem. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 16, n. 2, p. 91-99, 2008.
- PELOSI, M. B. Por uma escola que ensine e não apenas acolha recursos e estratégias para inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão e Acessibilidade*. Marília: ABPEE, 2006. p. 121-132.
- ROCHA, E. F., CASTIGLIONI, M. C., VIEIRA, R. C. A inclusão da criança com deficiência na escola comum: reflexões sobre o papel da Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 12, n. 1-3, p. 8-14, 2001.
- ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIAN, M. A. R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 14, n. 2, p. 72-78, 2003.
- SUMSION, T. *Prática Baseada no Cliente na Terapia Ocupacional: guia para a implementação*. São Paulo: Roca, 2003.
- TOYODA, C. Y. et al. O contexto multidisciplinar da prática da Terapia Ocupacional frente ao paradigma da inclusão escolar. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 15, n. 2, p. 121-130, 2007.
- UNESCO. *Declaração de Salamanca e linha de ações sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: CORDE, 1994.
- WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPY; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TERAPIA OCUPACIONAL; CENTRO DE ESTUDOS DE TERAPIA OCUPACIONAL - CETO. *Definições de Terapia Ocupacional*. Lins: Faculdades Salesianas de Lins, 2003.

Contribuição dos Autores

Juliana Graciela Trevisan: Redação do texto, organização de fontes, análise e revisão do texto. Patrícia Carla de Souza Della Barba: Redação e análise do texto.